
**GRANDES
REPORTAGENS
DE OUTROS TEMPOS**

Reconstituídas por
AMADOR PATRÍCIO

Ilustradas por
MARTINS BARATA
Com um prefácio de
CAETANO BEIRÃO



MCMXXXVIII.

EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE

PEDE-ME o meu amigo Amador Patrício algumas palavras para apresentação d'êste seu livro ao público.

Porque me pede Amador Patrício esta espécie de prefacção e porque me sinto impossibilitado de lha recusar? A razão é simples. Quando o Sr. Eduardo Schwalbach, ilustre Director do Diário de Notícias e meu prezado amigo, me perguntou se eu queria encarregar-me de fazer uma série de grandes reportagens retrospectivas através da nossa História para publicar naquele jornal, procurei corresponder à sua gentileza e disse-lhe que sim. Mas, depois, pus-me a pensar que, se eu era um obscuro investigador de coisas históricas, era ainda menos um jornalista. E para o trabalho que se me pedia era preciso alguém que reunisse as duas qualidades: a de jornalista e a de historiador. Lembrei-me então do meu amigo Amador Patrício. Talvez êle desse conta do recado. Patrício aceitou, o Diário de Notícias também: e aqui está como nasceram estas crónicas e como me sinto obrigado a dizer agora alguma coisa sôbre elas.

Sem querer ferir a modéstia de Amador Patrício, devo declarar no entanto que esta reconstituição de

hipotéticas reportagens tem pelo menos uma grande virtude: foi feita com todo o escrúpulo de historiografo consciencioso que preferiu sacrificar o efeito jornalístico dos lances de sensação à verdade conhecida através das fontes. A ficção está apenas na figura do jornalista e na forma jornalística de apresentar a acção. O resto é tudo rigorosamente baseado nos documentos sérios, contemporâneos ou históricos mas dignos de crédito, que nos permitem conhecer os episódios que são objecto deste noticiário: — as Crónicas, as relações de viagens, as memórias históricas, a correspondência de testemunhas presenciais, os instrumentos escritos recolhidos pelos investigadores e, finalmente, a Gazeta e os jornais da época. Nada de historiadores suspeitos, ainda que as suas folhetinescãs narrativas constituissem bela matéria para reportagens à sensation. Fêz Amador Patricio muito bem em os excluir. Estamos num tempo em que não se deve brincar com a História.

É conveniente que o leitor fixe isto, antes de começar a ler o livro, e, para exemplo, basta que eu lhe cite a reportagem do assassinio de Maria Telles, a primeira, em que Amador Patricio se recusou

a perfilhar qualquer data, a-pesar-das hipóteses formuladas pelo erudito Anselmo Braamcamp; a da morte do Duque de Viseu, na qual o jornalista deixa em suspenso se quem vibrou a punhalada foi o próprio Rei ou um dos seus conselheiros; e a entrevista com o Marquês de Pombal, tóda ela tecida com frases autênticas do celebrado Ministro. Se por vezes pode parecer que o reconstituïdor das reportagens toma partido — como na deposição de D. Afonso VI, no suplicio dos Távoras, ou no enforcamento de Gomes Freire — a ilusão vem de ter havido a preocupação de reflectir o ambiente em que as noticias teriam sido feitas, de ver os factos tais como elles deveriam ser vistos pelo jornalista nas épocas em que se deram.

Estou certo de que era justamente isto que Amador Patricio queria que eu dissesse ao apresentar estas suas crónicas. Isto e mais nada, porque nem elle nem eu gostamos de prefácios. Mais nada, não! Outra advertência queremos fazer ainda ao leitor.

Quando Patricio me disse que as suas reportagens iam ser publicadas em volume, eu lembrei-lhe:

— «Porque não escreves mais uma ou duas, para

o livro ter alguma coisa inédita, além destas pobres palavras minhas?»

— «Lembras bem» — respondeu êle. E eis porque adiante se incluem os artigos sôbre o segundo cêrco de Diu e o naufrágio da nau Conceição, que não foram publicados no Diário de Notícias. Talvez o leitor agradeça aquela minha sugestão.

Aqui fica, pois, o livro apresentado.

Apresentar Amador Patrício?

Amador Patrício não interessa nada. Êle é apenas a reencarnação sucessiva de vários jornalistas que, se não existiram, podiam muito bem ter existido para nos darem conta dos episódios, dramas e epopeias de que adiante se faz uma pequenina história.

Assim como, numa reportagem de hoje, não importa conhecer quem a fêz, assim numa reportagem de há três ou quatro séculos, o que convém saber é se ela foi feita com probidade e interêsse. Pela probidade fico eu. Quanto ao interêsse, tu, leitor, o dirás. Mas, se achares êste livro interessante, cré que fico tão satisfeito como o meu amigo Amador Patrício.

Páscoa de 1938.

CAETANO BEIRÃO